

A sinodalidade não será tão fácil, mas é urgente



Por: Ignacio Madera Vargas¹

28 de junho de 2025

A sinodalidade como o modo de ser da Igreja no século XXI é desafiada por um fator que tem sido insistentemente apontado pelo Papa Francisco e ao qual o Papa Leão também aludiu: **a urgência de superar o clericalismo. E isso não será tão fácil. Isso faz parte do “modus vivendi” usual do clero e dos leigos.** Pois pode haver um clero leigo que pode ser mais difícil de ser quebrado e mais difícil de ser superado do que o clero tradicional, por causa de sua aparente novidade ou reivindicação de seus direitos e de seu empoderamento em posições de controle institucional na estrutura eclesial, que antes eram privilégio do clero.

O piso deslizante da sinodalidade é a unidade de todos e todas na Igreja, na mesma dignidade e no mesmo chamado à comunhão na diversidade como imagens da Santa Trindade que todas e todos nós somos. Mas como essa igualdade fundamental como pessoas batizadas é a espinha dorsal e o eixo transversal da sinodalidade, **não podemos evitar a realidade de uma clericalização em todos os níveis, que não será tão fácil de superar.** Pergunto-me, no entanto, quais seriam as estratégias mais adequadas para enfrentar essa realidade, quando ela desperta tantas sensibilidades e gera tantas

reações ideologizadas, nem sempre caracterizadas pela escuta e pelo discernimento.

No final do século XX, li um livro de Rémi Parent, *Uma Igreja de batizados*², no qual ele afirma, em termos gerais, que **o futuro do laicato é que ele acabe e o futuro do clero é que ele acabe para que existamos nós, os fiéis cristãos.** Naquela época, parecia uma posição difícil de assumir na Igreja como forma de superar esse binômio, mas nada mais é do que a necessária superação do clericalismo do clero e do laicato.

Segundo Parent, o problema está na compreensão do universo religioso, ou seja, Deus, Jesus Cristo, a Igreja, os sacramentos, etc. E isso desafia a evangelização. Em termos positivos, trata-se da necessidade de uma nova evangelização que redescubra o sentido da experiência e da compreensão de um Deus trinitário, a unidade da diversidade dos três divinos, o entusiasmo por Jesus Cristo e pelo Reino, a Igreja santa como uma comunhão de seguidores, o povo santo fiel de Deus, os sacramentos como celebrações da fé, o ministério como serviço incondicional ao povo santo. Uma nova evangelização real que deve começar na família, nas crianças, nos jovens, nas escolas, nas

universidades, nas paróquias, nos organismos da igreja institucional. Por isso, **a sinodalidade é um passo adiante do Vaticano II e somente nessa renovação do universo religioso conseguirá promovê-lo com dinamismo e criatividade.**

Creio que é necessária uma proposta evangelizadora positiva, que ceda à crítica e ao questionamento obsessivo do clericalismo de clérigos e leigos e redescubra o valor da experiência trinitária como uma comunhão de iguais:

papa, bispos, ministros ordenados e leigos, ministros por consagração batismal e o povo santo fiel de Deus. Assim, não será o confronto contínuo de posições teológicas e pastorais, mas a busca progressiva e fiel de entendimento por meio da escuta e do discernimento. Aumentar o senso de conversação no Espírito entre todos os níveis para que todos na Igreja, de acordo com a proposta do [Documento Final do Sínodo da Sinodalidade](#), sejam decididamente formados em uma nova maneira de viver o cristianismo e nossa comunhão como seguidores de Jesus Cristo, o Senhor, em uma Igreja de batizados.

Daí o compromisso de socializar as conclusões do *Documento* por todos os meios possíveis, de modo que os passos propostos pela Secretaria do Sínodo para sua implementação promovam essa dinâmica sinodal que conseguirá unificar os leigos batizados e os leigos batizados ordenados na mesma paixão por Cristo e pelo Reino. **A laicidade como pertença ao povo de Deus por meio do batismo que consegue, em atos e não somente em palavras, que os leigos formados deixem de sentir que pertencem a uma “família melhor” e que os clérigos recuperem o valor de seu batismo como raiz fundamental.**

É estimulante recordar estas expressões do Papa Francisco, retomadas também no seu sentido original pelo Papa Leão quando se refere à sinodalidade eclesial: “Fomos batizados leigos e isso é um sinal indelével que ninguém poderá jamais apagar. **É bom lembrar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, de consagrados, de bispos, mas que todos nós formamos o Santo Povo fiel de Deus.** Esquecer isso acarreta vários riscos e distorções, tanto em nossa experiência pessoal quanto comunitária do ministério que a Igreja nos confiou”³.

-
- 1 Teólogo colombiano. Doutor em teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica). Foi professor, pesquisador, membro de equipes de reflexão teológica e autor de inúmeras obras e artigos. Foi presidente da Confederação Latino-Americana e do Caribe de Religiosos e Religiosas (CLAR). É membro da Amerindia Colômbia. Por 28 anos, uniu a vida acadêmica à vida compartilhada com os pobres no sul de Bogotá.
 - 2 Parent, R. (1987). *Una Iglesia de bautizados, para una superación de la oposición clero/laicos*. Santander: Sal Terrae.
 - 3 Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, 19 de março de 2016.